CORPOS EDUCADOS, SEXUALIDADES CONSTRUÍDAS

Marga Janete Ströher

> "O sexo é uma das motivações humanas básicas. Além disso, as relações sexuais são mais intensas fisicamente e, com freqüência, sentidas mais completamente do que quaisquer outras relações pessoais. Por isso, a maneira como as relações sexuais são construídas afetam todas as outras. Porém, não é um processo de mão única. Como o sexo e as relações sexuais são definidas é, por sua vez, extremamente influenciado pela estrutura econômica, religiosa e política da sociedade."[1]

1. Nossa herança ocidental cristã

A cultura ocidental cristã foi construída sobre um forte dualismo: superior-inferior, bem-mal, céu-terra, masculino-feminino, natureza-cultura, adulto-criança, livre-escravo, alma-corpo, espírito-matéria, vida-morte, prazer-dor, graça-pecado, sagrado-profano, razão-afeto, razão-sexualidade, heterossexualidade-homossexualidade, produção-reprodução, público-privado, capaz-deficiente, conhecimento-ação, objetividade-subjetividade, teoria-prática. Essa construção dualista do mundo foi tida como advinda da natureza, portanto, sem chances de ser alterada.

Este pensamento foi primeiramente articulado teoricamente por Aristóteles, embora ele não tenha sido o primeiro a pensar assim. Aristóteles influenciou o pensamento greco-romano e, em certa medida, o pensamento judaico, através da filosofia judeu-helenista. Entrou no cristianismo através de Paulo, dividido entre o pensamento de origem judaica, mais holístico, e o pensamento greco-romano, mais dualista. Nos grupos cristãos mais tardios, já a partir de Paulo, a sexualidade, a conduta sexual era um ponto muito discutido. A desvalorização da sexualidade se justificava pela expectativa da parusia, pois quem se ocupava com a sexualidade e o casamento não se dedicava tão intensamente às coisas de Deus (1Cor 7,32-34). Assim, a virgindade, a abstinência, o ascetismo, o celibato entraram cedo nos primeiros grupos cristãos. Isto nem sempre significava a negação da sexualidade em si, mas uma limitação sócio-religiosa, o que poderia significar uma vivência sexual segundo os padrões predeterminados. Para mulheres celibatárias e ascetas significava não estar sob o domínio dos pais, do marido, e, mais tarde, dos bispos. Significava, ainda, a possibilidade da vivência de um homoerotismo sem o controle patriarcal. Posteriormente, confrarias e irmandades, tanto de homens como de mulheres, passaram ao controle dos bispos, dada a autoridade dos mesmos.

1. EISLER, Riane. *O prazer sagrado*, p. 12.

Moldadas pelo dualismo ocidental, não falamos do prazer sexual, do prazer de eros ou do erótico, e muito pouco sobre a sexualidade. Há uma separação entre corpo e mente. O corpo é, por um lado, ignorado, pois atrair a atenção sobre o corpo é "trair o legado de repressão e de negação"[2]. Por outro lado, o corpo é constantemente observado, controlado, vigiado. O corpo é seqüestrado de sua dimensão sagrada e de prazer e passa a ser fonte e instrumento de pecado. Entre dor e prazer, escolhemos a dor e o medo como paradigmas da nossa ética cristã. O corpo é negado, pois assumir o corpo é assumi-lo com seus prazeres. E, assim, vamos afirmando a dor e nos construindo em meio a medos e temores, contradições e constrangimentos.

A compreensão e a organização do mundo a partir desses dualismos leva a um reducionismo antropológico, dentro do qual o ser humano somente pode se incorporar, identificar ou incluir em uma dessas duas categorias ou âmbitos, perdendo, assim, a perspectiva de ser humano integral, de uma antropologia holística, a visão de sociedade complexa, as pluralidades. As conseqüências históricas de um tal dualismo foram desastrosas e levaram à justificação de escravidão, sexismo, classismo, racismo, etnocentrismo, desrespeito à natureza e a todas as formas de opressão, controle e domínio. Além da instituição e manutenção de pecados estruturais, as construções estereotipadas de gênero descaracterizaram a humanidade das mulheres e dos homens.

2. O nosso pessimismo sexual

A teologia clássica, como conjunto do pensamento teológico articulado com a tradição filosófica grega, modelou a linguagem e o pensamento teológico cristão ocidental desde a Antigüidade até nossos dias. E só começa a ser desarticulada pelas novas teologias da libertação. A teologia clássica está fundamentada em Agostinho – considerado o criador da teologia ocidental e *pai espiritual do Ocidente* – e em Tomás de Aquino – maior influência na base da teologia clássica medieval. A tradição ocidental cristã está marcada pela teologia e antropologia de Agostinho, também presentes em Tomás de Aquino. É uma teologia construída a partir de um pessimismo antropológico, quer dizer, elaborada a partir de uma visão extremamente pessimista do ser humano como pecador. Nessa teologia estão presentes três ordens: criação, pecado original e redenção[3].

Em nossa tradição religiosa e nosso imaginário religioso, a criação e o pecado estão diretamente ligados às mulheres. Isso não se dá somente no uso do mito da queda do homem provocada pela mulher, mas na interpretação teológica do mito, inclusive,

2. bell hooks. *Eros, erotismo e o processo pedagógico*, p. 113. A autora não usa iniciais maiúsculas em seu nome.

3. BORRESEN, Kari Elisabeth. *Fundamentos antropológicos da relação entre o homem e a mulher na teologia clássica*, p. 18. A autora faz uma abordagem da visão antropológica da teologia clássica a partir dessas três ordens.

com argumentação fisiológica equivocada. A partir do mito da entrada do pecado através de Eva, todas as mulheres são culpabilizadas pelo *erro e culpa original*. Segundo Agostinho e Tomás de Aquino, o pecado se transmite somente através do homem – e isto tem implicações na teologia da redenção. É ele que tem o papel ativo na reprodução, pois é dele que vem a *semente viril* que vai se desenvolver em um novo ser no ventre da mulher[4]. A mulher tem apenas um papel complementar e instrumental na reprodução, portanto, um papel passivo e subordinado. A estreiteza da explicação fisiológica da reprodução vai implicar a estreiteza da argumentação teológica. Pecado, sexualidade, reprodução e teologia aparecem entrelaçados em Agostinho e Tomás de Aquino, embora haja diferenças entre eles – por exemplo, Tomás de Aquino não associa o pecado original à concupiscência como tão insistentemente é afirmado por Agostinho, um obcecado pelo *mal da concupiscência*[5].

O homem, a partir da fisiologia, foi considerado o principal responsável a mulher, no entanto, foi mais culpabilizada do que o homem pela entrada do pecado na realidade humana – e isto está presente no inconsciente coletivo. "Por isso, ela foi exilada na desigualdade, na impureza, na submissão e na dependência em relação ao homem."[6] A redenção vem para os e através dos homens. Cristo vem como o novo Adão – não como a nova Eva – para resgatar e redimir o velho Adão que estava condenado pelo pecado eterno. A redenção para a mulher vem a partir do aprisionamento do seu corpo: sua sexualidade e sua capacidade de reprodução. A moral sexual assume o lugar da liberdade humana, antes entendida como a essência do Evangelho, e a concepção de concupiscência passa a ser definida apenas como os *delitos morais* ligados à sexualidade. Será necessário exercer o controle sobre o corpo e a sexualidade feminina.

As raízes desse pessimismo sexual cristão estão na realidade cultural de onde surgiu o próprio cristianismo. Agostinho apenas o elaborou em um corpo teológico. Platão e Aristóteles foram os filósofos que mais influenciaram o pensamento ocidental, especialmente a filosofia e a teologia. Nessa tradição filosófico-teológica, a imagem e concepção de ser humano são estabelecidas a partir da polarização e do dualismo entre masculino e feminino, em que o masculino, via de regra, está associado ao positivo, à força, à atividade, ao dominante e ao normativo, enquanto que o feminino está associado ao negativo, à fraqueza, à passividade, à submissão e à ilegitimidade.

4. Essa concepção fisiológica vem de ARISTÓTELES, *Da geração de animais*. Se a semente viril desenvolver-se num ser feminino é porque ela sofreu alguma fraqueza ou interferência, inclusive externa, que a alterou em seu conteúdo primordial. Uma mulher, então, sempre será, segundo essa concepção, um ser incompleto, um homem defeituoso, uma alteração do projeto genético-biológico original que é viril, embora seja um instrumento útil e indispensável para a reprodução.

5. Sobre essa discussão de Agostinho e Tomás de Aquino. Veja BORRESEN, Kari Elisabeth. *Fundamentos antropológicos da relação entre o homem e a mulher na teologia clássica*, p. 20-3; RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*, p. 88-111 e 197-214; e PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*, p. 137-169.

6. GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*, p. 42.

A filosofia estóica combatia o prazer sexual e aceitava o casamento apenas para fins reprodutivos. O próprio cristianismo não é um grupo coeso. Em alguns movimentos cristãos primitivos, como o gnosticismo e o pelagianismo, considerados heréticos, não há negação ou condenação do prazer sexual.

A negação do prazer sexual entrou mais forte com Agostinho. É com Agostinho que se configura uma teologia da pessimização da sexualidade humana, através da idéia do pecado original, que afirma que todas as pessoas são pecadoras por terem sido concebidas em pecado por causa da relação sexual. O pecado original, responsável pela perda do paraíso, é transmitido, segundo Agostinho, a todas as pessoas através da relação sexual. A relação sexual é um mal necessário para a procriação – e somente para esta finalidade. A mulher foi criada para a reprodução. Prazer e desejo sexual só aparecem após a queda. Maria é colocada no pedestal como ideal inatingível de mulher, por causa da sua concepção sem ato sexual físico.

Agostinho, Jerônimo e Orígenes defendiam a abstinência sexual nos domingos, dias de festa e durante a Quaresma. Não se devia participar da Ceia/Eucaristia no mesmo dia da relação sexual para não profanar o sagrado. O mesmo se proibia às mulheres menstruadas. O sagrado nada tinha a ver com a sexualidade ou com quaisquer experiências essencialmente humanas.

3. Construção social do gênero e da sexualidade

Recentemente, *gênero* entra como categoria analítica nas ciências sociais e humanas, as quais, com a ajuda dessa categoria, começam a perceber que as relações entre os sexos e as contradições decorrentes dessas relações são socialmente construídas. O *gênero*, aquilo que é tido como masculino e feminino, passa a ser visto como construção social e histórica, não como condicionamento natural. Não é a natureza, mas a cultura que determina as condições sociais diferenciadas e os papéis assimétricos, desiguais que os homens e as mulheres vão exercer e representar na sociedade.

A discussão sobre a construção de gênero implica a pergunta sobre o que é mesmo o *ser* feminino e o que é o *ser* masculino. O gênero é uma construção social. Assim como não se nasce mulher, torna-se mulher, também não se nasce homem, torna-se homem. As construções de gênero estereotipadas descaracterizaram, na história, o *proprium* não somente das mulheres, mas também dos homens. Em outras palavras: nos desumanizaram como mulheres e como homens[7]. Diferenças não biológicas, mas anátomo-fisiológicas dos corpos humanos se configuraram em diferenças sociais e em desigualdades entre homens e mulheres.

Atitudes e práticas sexuais são construção social, ou seja, são aprendidas, e modificadas ao longo de tempo e espaço históricos. Sendo uma atividade humana

7. "Sabe-se como uma perspectiva patriarcal e androcêntrica mutila o ser do homem e da mulher de maneira grave." RUBIO, Alfonso García. *Prática da teologia em novos paradigmas*, p. 245.

inata, não se configura como experiência essencialmente natural. Somos o que trazemos em nós e o que aprendemos ser, não só em termos da atitude e práticas sexuais, mas no conjunto de nossos comportamentos, atividades e relações.

A construção de gênero é um complexo de determinações e características econômicas, sociais, jurídicas, políticas, religiosas, de cada época e lugar. São culturais, portanto. Uma complexidade enorme de experiências e situações que vão me constituir como pessoa social e política e vão determinar ou configurar as minhas relações, também as sexuais, e vão constituir a identidade de gênero, como masculino e feminino, e a identidade sexual, a partir das vivências sexuais peculiares. Portanto, não é o biológico que vai determinar, *a priori*, a minha compreensão de ser mulher ou homem, mas aquilo que aprendi, na minha cultura, em tempo e espaço, sobre o que é ser mulher e o que é ser homem. Sou determinada na medida em que a minha compreensão e apreensão se dão de forma diferente se sou do gênero masculino ou feminino e na medida em que experimento o meu próprio corpo e as suas particularidades biológicas. E estas experiências não são uma constante, ou seja, elas mudam, se transmutam, se modificam, se aprimoram na medida em que também avalio criticamente esta construção social e vou construindo a identidade de gênero e identidade sexual, as quais estão sempre em transformação.

> A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade[8].

4. Sexualidade e Igreja

O cristianismo normativo, ortodoxo, por onde passou, semeou a cultura moral/religiosa marcadamente monoteísta, monogâmica, falocêntrica, reprodutiva. A heterossexualidade é colocada como normativa. A homossexualidade como desvio do padrão ou da norma, transgressão sexual e erótica, aberração da natureza. O que está em jogo, na argumentação da filosofia judeu-helenista e daqueles que denominamos de boca cheia pais da Igreja, como Agostinho, Orígenes e João Crisóstomo, é a negação da relação sexual que não seja com fim reprodutivo. A homossexualidade se apresenta como elemento desestabilizador para a norma heterossexual. Ela é a relativização da virilidade masculina dominante: saber, prazer, domínio e poder do macho. Sair da normatividade heterossexual ainda não significa sair das tramas de domínio, de poder e violência que marcam as relações de gênero em nossa realidade. Mas oferece uma possibilidade de sair das tramas do domínio heterossexual masculino falocêntrico, que tem se mostrado na história da humanidade

8. LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*, p. 11.

como aberração, com sua experiência de violência e negação dos direitos sexuais, como direitos humanos, das pessoas em suas diferenças e peculiaridades.

Igrejas estão confrontadas com relações "circulantes" da sexualidade. Elas ainda se apresentam como incapazes de responder e discutir as relações em uma realidade multiforme e multiplural de possibilidades de vivência da sexualidade. Quando, na história, os padrões de comportamento e vivência sexual se fixaram a partir de uma ordem de regras fixas e de um único eixo – heterossexualidade normativa, casamento monogâmico, reprodutivo e como instituição permanente – e com regras mais simplificadas e válidas para todas as pessoas distintivamente segundo sexos diferentes [do "mesmo sexo"], a pluridimensionalidade da sexualidade não mais era contemplada, mas evitada e mesmo descartada.

Quando se discutem, se apresentam e se vivenciam experiências diferenciadas e multiformes da sexualidade, a organização de regras ou de um sistema de regras morais ou éticas, fica muito mais complexo, dada a complexidade das vivências. Ao tentar fazê-lo, as igrejas podem correr o risco de "sempre de novo reproduzir e manter a conexão entre identidade moral e identidade sexual"[9]. Se a Igreja ou a teologia se ocuparem na criação de normas especiais para a esfera da sexualidade, elas podem enveredar por caminhos restritivos e mesmo perigosos. "Ao fazê-lo, por um lado, a sexualidade fica separada da vida; por outro, surge um conceito de sexualidade que tem como ponto de partida sua periculosidade e não suas potencialidades de vida"[10]. A sexualidade não pode ser compreendida e definida a partir de algumas regras pretensamente válidas para todas as pessoas, dada a sua complexidade.

O resgate da dimensão plural, da complexidade e das peculiaridades da vida humana começa pelo resgate de nossos corpos de amarras e limitações, de condicionamentos e repressões a que foram submetidos. Resgatar o corpo como algo sagrado, não só porque *contém* o Espírito Sagrado, mas por ser nosso território sagrado. Descobrir a sexualidade não como mercadoria ou instrumento de poder (ela é um poder)[11] e violência, nem reduzi-la à genitalidade, mas concebê-la como vinculada ao corpo e como expressão da corporalidade. Resgatar a sexualidade também em sua dimensão política e de poder, de energia de vida e potencialidade humana. A vivência da sexualidade é um ato político. É afirmar a sexualidade como direito humano! É falar em sexualidades...

9. QUINN, Regina Ammicht. *Imagens de Deus, imagens do ser humano e moral*, p. 65.

10. ID., *ibid.*, p. 67-8.

11. ID., *ibid.*, p. 68-70.

Bibliografia

VANCE, Caroles. "A Antropologia redescobre a sexualidade: Um comentário teórico", in *Physis – Revista de Saúde Coletiva.* Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1995, p. 7-31.

EISLER, Riane. *O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 636 p. (Série Gênero plural).

LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da sexualidade", in: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999 p. 7-34.

QUINN, Regina Ammicht. "Imagens de Deus, imagens do ser humano e moral: o paradigma sexualidade", in *Concilium,* Petrópolis, v. 279, 1999/1, p. 64-71.

HOOKS, Bell. "Eros, erotismo e o processo pedagógico", in: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.113-123.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 174 p.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Record, 1996, 383 p.

Marga Janete Ströher
Cx. Postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS